

## **VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SUAS INTERFACES COM O TRABALHO DA PSICOLOGIA: ALCANCES E LIMITES DA PRÁTICA CLÍNICA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM GRUPO DE ESTUDOS**

Gabriela de Moraes Bonato Testa (Mestra - Universidade Estadual de Maringá e psicóloga clínica).

Heloísa Dias dos Santos (Mestranda - Universidade Estadual de Maringá e psicóloga clínica).

Julia Borchardt (Mestra, doutoranda - Universidade Estadual de Maringá e psicóloga clínica).

### **Introdução**

O fenômeno da violência de gênero é uma situação complexa que ainda insiste no cotidiano de grande parte das mulheres brasileiras. Conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP] (2026), no ano de 2025, o Brasil registrou o maior número de casos de feminicídio desde a tipificação do crime (Lei no 13.104/2015). Somado a isso, ainda no ano de 2025, houve 1.067.556 acionamentos do Disque 190, o que totaliza duas chamadas por minuto (Matosinhos; Lagreca, 2025). Assim, considerando que vivências de violência de gênero – sejam elas psicológicas, morais, patrimoniais, físicas e/ou sexuais – podem culminar em experiências de sofrimento (Barbosa, Dimenstein e Leite, 2014; Pedrosa e Zanello, 2017), torna-se necessário compreender de que maneira profissionais da psicologia, que atuam em contexto clínico, acolhem e realizam encaminhamentos a essa população. Trata-se, especialmente, de compreender qual o entendimento de profissionais *psi* clínicos frente às temáticas de violência de gênero e saúde mental, como são realizadas práticas de cuidado a mulheres atravessadas por diferentes interseccionalidades – como raça/etnia, performance sexual, classe social, geração, dentre outras (Akotirene, 2018) e se há articulações por parte desses profissionais com a Rede de Enfrentamento às Violências contra as Mulheres.

Considerando que há um grande número de subnotificação em casos de violência de gênero, o que, conforme Vasconcelos et al. (2024), pode chegar a 98,5% para violências psicológicas, 75,9% para violência física e 89,4% para

as violências sexuais, entende-se que a violência de gênero não poder ser tratada, mesmo em contexto clínico, como um problema privado e individual. Ademais, considerando que muitas vezes mulheres em situação de violência buscaram, primeiramente, pessoas nas quais elas confiam, como familiares, igreja, para, posteriormente, buscarem ajuda em algum serviço especializado (Brasil, 2023). Faz-se importante questionar de que maneira os profissionais da psicologia clínica, os quais podem compor os vínculos de confiança dessa mulher, atuam no acolhimento e encaminhamento desses casos aos serviços especializados.

### **Objetivo/s**

Os objetivos do grupo de estudos foram compreender de que maneira os profissionais da psicologia, que atuam em contexto clínico, acolhem e encaminham as demandas relacionadas à violência de gênero, bem como oferecer um espaço de reflexão acerca da temática, tendo como ponto de partida a perspectiva do feminismo interseccional, a experiência de escuta clínica e o compromisso ético da Psicologia.

### **Materiais e métodos**

Os encontros aconteceram mensalmente, de maneira remota, por meio da plataforma Google Meet, cujo link fora disponibilizado às profissionais inscritas. O grupo foi composto por cinco profissionais da psicologia e uma profissional do direito, além de três profissionais da psicologia e discentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia que compunham a equipe organizadora. Estas últimas, responsáveis pela proposição do grupo de estudos, estavam incumbidas da eleição de textos disparadores que deveriam ser lidos previamente para as discussões. Além disso, houve também a disponibilização de um conjunto de arquivos complementares que pudessem interessar às participantes.

No primeiro encontro, debatemos o texto “Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação”, de autoria de Lourdes Maria Bandeira, o qual discute acerca da necessidade de considerarmos a

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

violência contra as mulheres como violência de gênero, ou seja, fenômeno complexo e integrado ao tecido social, caracterizando os aspectos que pautam tal violência e a retiram de um lugar de violência geral passível de atingir a todos. Já no segundo encontro, refletimos sobre o texto “Mulheres, violência e atenção em saúde mental: questões para (re)pensar o acolhimento no cotidiano dos serviços”, de Laís Barbosa, Magda Dimenstein e Jáder Leite, leitura que nos possibilitou compreender como casos de violência de gênero são acolhidos por profissionais da saúde e quais as dificuldades e potencialidades de um cuidado ampliado e intersetorial. Já no último encontro, a bibliografia selecionada foi “Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica”, de Mayra Silva dos Santos, texto introdutório no qual foi possível compreender um pouco mais a interseccionalidade enquanto ferramenta teórico-metodológica capaz de pautar intervenções possíveis mais alinhadas à realidade de cada pessoa que procura um serviço de saúde.

Vale mencionar que os encontros contaram com outros recursos como vídeos, fotos, podcasts e músicas que foram sugeridos não só pelas profissionais organizadoras, como também pelas participantes, as quais tinham espaço aberto para compartilhar reflexões a partir de sua prática clínica e trajetória profissional. Ademais, outro assunto de grande importância abordado diz respeito aos deveres éticos do profissional da psicologia e como isso pode ser pensado a partir de uma concepção de saúde integral e jamais descolada da realidade concreta.

## **Resultados Finais**

Ao longo das discussões foi possível perceber a dificuldade das profissionais em articular modos de cuidado mais ampliados e atentos às interseccionalidades. Um ponto importante levantado pelas participantes, bem como também experienciado pela equipe organizadora, é que, ainda hoje, muitos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia não contam com capacitações em relação a essas temáticas. Assim, a capacitação em relação à violência de gênero e suas interfaces com a saúde mental e as diversas interseccionalidades, fica restrito ao interesse individual de cada estudante.

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

Consonante a isso, pudemos perceber um desconhecimento por parte das participantes acerca da Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres dos municípios, na qual o profissional da psicologia clínica também faz parte. Além disso, também surgiram dúvidas e questionamentos acerca de como articular uma escuta gendrada e interseccional na clínica privada e como articulá-la a estratégias mais coletivas de luta e enfrentamento à violência de gênero e ao feminicídio.

Por fim, algo que merece destaque ao longo dos encontros, foram as dúvidas acerca do papel do psicólogo clínico frente a esses casos, principalmente no que diz respeito à notificação compulsória por parte de profissionais da saúde frente a casos de violência de gênero. Ao longo dos encontros debatemos a importância da notificação para fins epidemiológicos que pautam políticas públicas e para que a Rede de Enfrentamento à Violência contra as mulheres fosse ampliada, bem como diferenciamos o ato da notificação do ato da denúncia.

### **Considerações finais**

A partir da realização do grupo de estudos, pode-se considerar que a percepção inicial das profissionais mediadoras se fazia também presente na visão das participantes, visto que ao longo de suas trajetórias acadêmicas tiveram pouco contato com esse tipo de problematização e capacitação. Acredita-se que o grupo funcionou como um importante espaço de trocas e aprendizado para todas as envolvidas acerca do papel, alcances e limites do trabalho clínico da Psicologia, o qual não pode dar conta isoladamente de uma questão sistêmica como a violência de gênero em nosso país. Percebe-se que o grupo operou como sensibilizador de questões importantes que instigaram as profissionais a novas leituras e uma abertura para se pensar novas possibilidades de intervenção que atendam às demandas em saúde contemporâneas sem que isso desrespeite os princípios éticos da profissão.

### **Referências**

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARBOSA, L. B.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. Mulheres, violência e atenção em saúde mental: questões para (re)pensar o acolhimento no cotidiano dos serviços. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 32, n. 2, p. 309-320, 2014. Disponível em:  
[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1794-47242014000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000200009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 maio 2026.

BRASIL. Senado Federal. **Pesquisa DataSenado**: pesquisa nacional de violência contra a mulher. 10. ed. Brasília: Instituto de Pesquisa DataSenado, 2023b. Disponível em:  
<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/pesquisa-nacional-deviolencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>. Acesso em: 21 maio 2026.

MATOSINHOS, I.; LAGRECA, A. Uma narrativa que se repete: dados da violência contra as mulheres no Brasil em 2024. *In*: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em:  
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/07/anuario-2025.pdf>. Acesso em: 21 maio 2026.

PEDROSA, M.; ZANELLO, V. (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. 5, 2017. Disponível em: [link suspeito removido]. Acesso em: 21 maio 2026.

VASCONCELOS, N. M. de; BERNAL, R. T. I.; SOUZA, J. B. de *et al.* Subnotificação de violência contra as mulheres: uma análise de duas fontes de dados. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, 2024. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/csc/a/mFrQ75wXPKNTVGt97yGFCRG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 maio 2026.